



## Trumpnaro

### A emulação como dispositivo de construção do *ethos* bolsonarista

**Alexandre Marques Silva**

Universidade de São Paulo (USP), Brasil

[orcid.org/0000-0002-8719-7306](https://orcid.org/0000-0002-8719-7306)

O populismo contemporâneo tem se destacado pelo uso estratégico de repertórios discursivos na construção do *ethos* político. Este artigo investiga como Jair Bolsonaro, durante a pandemia de covid-19, emulou repertórios previamente mobilizados por Donald Trump, não como mera cópia, mas como reconfiguração adaptada ao contexto brasileiro. A justificativa reside na necessidade de compreender a circulação transnacional de discursos populistas de direita e seus efeitos na legitimação política. O estudo ancora-se na retórica aristotélica e em abordagens da análise do discurso (Lausberg, Charaudeau, Wodak, Butler, Laclau, Maingueneau), aplicando uma metodologia qualitativa de caso paradigmático, centrada em cinco tuítes de grande repercussão (três de Trump e dois de Bolsonaro). As categorias de análise incluíram emulação lexical, temática, performativa, identitária e simbólica. Os resultados indicam que Bolsonaro adaptou frames trumpistas (cloroquina, minimização da pandemia, ataque à mídia) ao contexto nacional, consolidando um *ethos* combativo, autêntico e polarizador.

**Palavras-chave:** Emulação. *Ethos*. Discurso Político. Covid-19.

#### **Trumpnaro: la emulación como dispositivo de construcción del *ethos* bolsonarista**

El populismo contemporáneo se ha destacado por el uso estratégico de repertorios discursivos en la construcción del *ethos* político. Este artículo investiga cómo Jair Bolsonaro, durante la pandemia de COVID-19, emuló repertorios previamente movilizados por Donald Trump, no como una mera copia, sino como una reconfiguración adaptada al contexto brasileño. La justificación radica en la necesidad de comprender la circulación transnacional de discursos populistas de derecha y sus efectos en la legitimación política. El estudio se sustenta en la retórica aristotélica y en enfoques de análisis del discurso (Lausberg, Charaudeau, Wodak, Butler, Laclau, Maingueneau), aplicando una metodología cualitativa de caso paradigmático, centrada en cinco tuits de gran repercusión (tres de Trump y dos de Bolsonaro). Las categorías de análisis incluyeron emulación léxica, temática, performativa, identitaria y simbólica. Los resultados indican que Bolsonaro adaptó marcos trumpistas (hidroxicloroquina, minimización de la pandemia, ataque a los medios) al contexto nacional, consolidando un *ethos* combativo, auténtico y polarizador.

**Palabras clave:** Emulación. *Ethos*. Discurso político. Covid-19.

#### **Trumpnaro: emulation as a strategy for the building of Bolsonaro's *ethos***

Contemporary populism is distinguished by the strategic deployment of discursive repertoires in the construction of political *ethos*. This article examines how Jair Bolsonaro, during the COVID-19 pandemic, emulated repertoires previously employed by Donald Trump, not as a simple replication, but as a contextually adapted reconfiguration within the Brazilian political landscape. The study is motivated by the need to understand the transnational circulation of right-wing populist discourses and their implications for political legitimization. It is anchored in Aristotelian rhetoric and discourse analysis frameworks (Lausberg, Charaudeau, Wodak, Butler, Laclau, Maingueneau), employing a qualitative methodology centered on a paradigmatic case study, comprising five highly influential tweets (three by Trump and two by Bolsonaro). Analytical categories encompassed lexical, thematic, performative, identity-based, and symbolic emulation. Findings indicate that Bolsonaro successfully adapted Trumpian frames—including hydroxychloroquine promotion, pandemic downplaying, and media attacks—to the national context, consolidating a combative, authentic, and polarizing political *ethos*.

**Keywords:** Emulation. *Ethos*. Political discourse. Covid-19.

## Introdução

O fenômeno do populismo contemporâneo tem mobilizado intensos debates no campo dos estudos discursivos, comunicacionais e políticos, em especial no que se refere às estratégias de construção do *ethos* de lideranças que, por meio da performatividade retórica, buscam se apresentar como autênticas vozes do “povo”.

Nesse cenário, Jair Bolsonaro e Donald Trump configuram exemplos paradigmáticos: ambos, além de recorrerem a repertórios comuns do populismo de direita, articularam uma circulação transnacional de discursos que atravessou fronteiras, plataformas digitais e sistemas midiáticos. Assim, ao problematizar a dinâmica dessa circulação, o presente artigo parte da hipótese teórica de que a emulação de repertórios trumpistas por Bolsonaro não se reduz a uma simples reprodução de enunciados, mas se materializa em uma reconfiguração discursiva que contribui decisivamente para a constituição de seu *ethos* político. Trata-se de uma operação discursiva que envolve tanto o deslocamento de fórmulas retóricas quanto sua adaptação a novos contextos de enunciação, mobilizando efeitos de autenticidade, combatividade e antagonismo.

Sob essa perspectiva, formula-se o objetivo geral do trabalho: examinar de que maneira a emulação de repertórios discursivos associados a Donald Trump opera como dispositivo constitutivo do *ethos* político de Jair Bolsonaro, sobretudo no contexto da pandemia de covid-19. Para guiar a investigação, estabelecem-se as seguintes perguntas de pesquisa: 1. De que modo Jair Bolsonaro recontextualiza enunciados e repertórios previamente mobilizados por Donald Trump no enfrentamento da pandemia de covid-19? 2. Quais estratégias retóricas de emulação podem ser identificadas na circulação de mensagens referentes à cloroquina, à minimização da gravidade da covid-19 e à responsabilização de atores externos ou da imprensa? 3. Em que medida a emulação contribui para a constituição do *ethos* bolsonarista, particularmente nos aspectos da autenticidade, da combatividade e do antagonismo político?

## 1 Metodologia

O processo investigativo, pautado em procedimento metodológico exploratório de natureza qualitativa, ancora-se nos pressupostos da Análise do Discurso de orientação retórica e pragmática, com ênfase na constituição do *ethos* e

nos processos de emulação discursiva. O *corpus* é constituído por cinco publicações em rede social (Twitter/X), sendo três de autoria de Donald J. Trump e duas de Jair M. Bolsonaro, selecionadas por representarem, de forma paradigmática, momentos de circulação de repertórios discursivos que se tornaram emblemáticos durante a pandemia de covid-19.

O recorte temporal privilegiou o período compreendido entre março de 2020 e julho de 2022, de modo a abranger tanto a fase inicial da crise sanitária, momento em que emergem enunciados vinculados à cloroquina, à minimização da gravidade da doença e à responsabilização de atores externos, quanto momentos subsequentes em que tais repertórios foram reinscritos no discurso bolsonarista.

Este estudo adota uma estratégia de caso paradigmático voltada à análise retórico-discursiva de enunciados que, por sua circulação e repercussão, funcionaram como nós semióticos representativos das práticas de emulação entre líderes populistas. Selecionamos os cinco enunciados já descritos por atenderem simultaneamente aos critérios de: i) relevância temática (direta referência à pandemia de covid-19); ii) potencial de emulação (formulações/*frames* que aparecem em instâncias anteriores e são reconfiguradas localmente) e iii) impacto público (ampla repercussão documentada por cobertura midiática e métricas de engajamento, como curtidas, compartilhamentos e respostas).

A análise, a seu turno, obedeceu às seguintes etapas: 1) mapeamento: transcrição/registo da materialidade verbo-visual (texto, imagens e *links*) e registo das datas/URLs; 2) codificação axial: aplicação de um quadro categorial (tipos de emulação: empréstimo léxico, *frame*, performatividade ritual, apelo identitário) e codificação dos enunciados segundo essas categorias; 3) interpretação pragmática: leitura heurística dos efeitos persuasivos em diálogo com a fundamentação teórica sobre emulação, *ethos* e populismo; quando pertinente, triangulou-se com cobertura midiática e entrevistas para reconstruir a trajetória de circulação dos enunciados.

Quadro 1 - *Corpus* da pesquisa: tweets de Trump e Bolsonaro sobre a pandemia de covid-19

Autor	Data	Texto Original (resumido)	Tradução (resumida)	Nota analítica
Jair M. Bolsonaro	20 mai. 2020	“@minsaude divulga orientações... Cloroquina pode ser ministrada...”	-	Reconfiguração de repertório trumpista sobre cloroquina.
Donald J. Trump	21 mar. 2020	“HYDROXYCHLOROQUINE & AZITHROMYCIN... biggest game changers...”	Hidroxicloroquina e azitromicina como “divisor de águas” na medicina.	Exemplo inaugural de promoção da cloroquina.
Donald J. Trump	6 out. 2020	“Flu season is coming up!... We have learned to live with it [covid].”	Minimização da gravidade da covid-19 em comparação à gripe.	Estratégia de banalização e naturalização da covid-19.
Donald J. Trump	18 mar. 2020	“I always treated the Chinese Virus very seriously... Fake News new narrative is disgraceful.”	Responsabilização da China e desqualificação da imprensa.	Narrativa de inimigo externo + imprensa hostil.
Jair M. Bolsonaro	18 jul. 2022	“O fecha tudo irracional e irresponsável defendido pela esquerda...”	-	Emulação do enquadramento trumpista (inimigo interno/externo).

Fonte: Elaborado pelo autor.

Para o desenvolvimento do trabalho, adotamos um recorte paradigmático limitado, centrado em enunciados de alta visibilidade, com o objetivo de apreender mecanismos de emulação retórica de forma aprofundada. Reconhecemos que a amostra reduzida limita a generalização das conclusões: as evidências aqui apresentadas, entretanto, indicam tendências e mecanismos plausíveis de recontextualização discursiva, não uma prova estatística de comportamento homogêneo. Desse modo, reconhecemos que futuras pesquisas poderão ampliar o universo empírico (incluindo maior número de enunciados, outras plataformas e análise de redes de difusão) para avaliar quantitativamente a extensão e a consistência das práticas de emulação identificadas. Enquanto isso, as leituras apresentadas apontam linhas interpretativas acerca de como a promoção da hidroxicloroquina, a minimização da pandemia e a deslegitimação de especialistas funcionaram como âncoras semióticas para a construção de um *ethos* populista de direita.

## 2 Ethos, populismo e emulação: diálogos entre retórica e análise do discurso

A fundamentação teórica ancora-se na necessidade de articular conceitos da tradição retórica clássica a contribuições contemporâneas da análise do discurso e da argumentação. Entendemos que esse percurso é metodologicamente coerente porque, ao tratar da emulação como prática discursiva, é necessário compreender tanto a noção aristotélica de *ethos* quanto os desdobramentos atuais dessa categoria. Assim, partimos da definição clássica de *ethos*, avançamos para a concepção desse conceito como construção social e discursiva, e chegamos, por fim, à articulação com a teoria da argumentação, que permite compreender os efeitos pragmáticos da emulação no espaço político digital. Essa relação teórico-metodológica visa assegurar consistência ao aporte utilizado e aprovisionar ferramentas analíticas adequadas para examinar como Bolsonaro, ao emular Trump, forja seu *ethos* político em publicações no Twitter.

### 2.1 Do caráter à performance: observações diacrônicas acerca do conceito de *ethos*

Os estudos sobre *ethos* são fundamentais à compreensão dos discursos políticos contemporâneos na medida em que permitem analisar como a credibilidade, a imagem e a autoridade do orador são construídas, reconhecidas e avaliadas pelo auditório. Ao considerar o *ethos* não apenas como atributo prévio ao discurso, mas também como resultado da enunciação e da interação com o auditório, torna-se possível compreender a densa articulação estabelecida entre caráter, performance e projeção social que sustenta a persuasão política.

No contexto atual, em que a comunicação política se encontra altamente mediada por imagens, estratégias de marketing e redes sociais, a dimensão projetiva do *ethos*, vinculada ao imaginário coletivo, e sua dimensão efetiva, relacionada à materialidade da presença do orador, tornam-se elementos centrais para explicar como lideranças constroem legitimidade, mobilizam seguidores e consolidam autoridade, mesmo em cenários de grande pluralidade e contestação.

Desde a Antiguidade, evidencia-se uma dupla concepção acerca do *ethos*. Enquanto Cícero e Isócrates concebiam-no como atributo prévio ao discurso, vinculado ao caráter efetivo do orador, Aristóteles entendia-o como resultado da enunciação, cujo propósito era persuadir por meio da projeção de honestidade,

sinceridade e benevolência, independentemente da correspondência entre tais qualidades e a realidade do orador. Essa perspectiva aristotélica, mais complexa, distingue entre um *ethos* moral, sustentado por virtudes como honestidade e equidade, e um *ethos* objetivo, manifestado por hábitos, modos e costumes, ambos igualmente necessários à eficácia persuasiva.

A perspectiva aristotélica encontra ressonância em Reboul (2004, p. 48), para quem

[...] o *etos*<sup>1</sup> é um termo moral, “ético”, e que é definido como caráter moral que o orador deve parecer ter, mesmo que não o tenha de fato. O fato de alguém parecer sincero, sensato e simpático, sem o ser é moralmente constrangedor; no entanto, ser tudo isso sem saber parecer não é menos constrangedor, pois assim as melhores causas estão fadadas ao fracasso.

Do mesmo modo, Aristóteles (2005 [386 a. C.]. p. 33) enfatiza que a confiança do auditório se estabelece no próprio discurso, quando este produz a impressão de que o orador é digno de crédito: “Obtém-se a persuasão por efeito do caráter moral, quando o discurso procede de maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de confiança. [...]. Muito pelo contrário, o caráter moral deste constitui, por assim dizer, a prova determinante por excelência.” Assim, a persuasão decorre da capacidade de o orador mobilizar a prudência (*phronésis*), a virtude (*arété*) e a benevolência (*eunóia*), qualidades que, embora não explicitadas de modo direto, se tornam perceptíveis no tecido do discurso e na performance daquele que o enuncia.

Em termos contemporâneos, entretanto, a discussão desloca-se da polarização para a complementaridade das concepções clássicas, reconhecendo-se que o *ethos* pode ser simultaneamente pré-discursivo e discursivo. Nesse sentido, Meyer (2007, p. 34-35, destaques do autor) afirma que

O *éthos* é uma excelência que não tem objeto próprio, mas se liga à pessoa, à imagem que o orador passa de si mesmo, e que o torna exemplar aos olhos do auditório, que então se dispõe a ouvi-lo e a segui-lo. As virtudes morais, a boa conduta, a confiança que tanto umas quanto outras suscitam conferem ao orador uma *autoridade*. O *éthos* é o orador como princípio (e também como seu argumento) de autoridade. A ética do orador é seu “saber específico” de homem, e esse humanismo é a sua moralidade, que constitui fonte de autoridade. Evidentemente, liga-se ao que ele é e ao que ele *representa*.

Essa concepção evidencia a indissociabilidade entre a identidade do orador e a imagem discursivamente construída, sendo a conduta moral, em última instância, o

---

<sup>1</sup> Embora tenhamos optado pelo emprego da forma *ethos*, mantivemos a grafia adotada pelo tradutor.

mais relevante argumento de autoridade daquele que pretende tornar-se crível aos olhos de seu público. Essa discussão é ampliada pela análise de Charaudeau (2008, p. 115, destaques do autor), para quem:

De fato, o *ethos*, enquanto imagem que se liga àquele que fala, não é uma propriedade exclusiva dele; ele é antes de tudo a imagem de que se transveste o interlocutor a partir daquilo que diz. O *ethos* relaciona-se ao cruzamento de olhares: olhar do outro sobre aquele que fala, olhar daquele que fala sobre a maneira como ele pensa que o outro o vê. Ora, para construir a imagem de sujeito que fala, esse outro se apoia ao mesmo tempo nos dados preexistentes ao discurso – o que ele sabe *a priori* do locutor – e nos dados trazidos pelo próprio ato de linguagem.

O ponto de vista defendido por Charaudeau permite compreender o *ethos* como produto de um jogo interacional em que convergem os dados prévios que o auditório mobiliza sobre o orador e as informações fornecidas pelo próprio ato de linguagem. Dessa complementaridade, emerge a distinção entre o “*ethos* projetivo”, vinculado ao imaginário coletivo e às representações sociais que antecedem a fala, e o “*ethos* efetivo”, constituído na materialidade da enunciação. Como observam Motta e Salgado (2008, p. 15, grifos das autoras): “O *ethos* está crucialmente ligado ao ato de enunciação, mas não se pode ignorar que o público constrói também representações do *ethos* do enunciador antes mesmo que ele fale.”

Assim, torna-se evidente a existência de uma relação especular entre orador e público, na medida em que ambos constroem imagens recíprocas que podem ser confirmadas ou tensionadas no processo discursivo. O orador projeta uma representação de si e do auditório, enquanto este elabora imagens de si mesmo e daquele que lhe dirige a palavra. Dessa dinâmica, resulta o *ethos* projetivo, que se concretiza, ou não, no decorrer da interação. Como afirma Amossy (2005, p. 13), “A função da imagem de si e do outro construída no discurso se manifesta plenamente nessa perspectiva interacional. Dizer que os participantes interagem é supor que a imagem de si construída no e pelo discurso participa da influência que exercem um sobre o outro”.

Em conformidade com Silva (2010), consideramos neste trabalho o *ethos* sob duas dimensões complementares: a) como imagem do orador resultante de seu discurso e b) como processo interativo em que se articulam a projeção elaborada pelo auditório e a percepção do orador acerca da forma como é avaliado. Essa abordagem evidencia a inseparabilidade entre *ethos* projetivo e *ethos* efetivo uma vez que, como assinalam Motta e Salgado (2008, p. 18-19),

A distinção entre *ethos* dito e mostrado se inscreve nos extremos de uma linha contínua, uma vez que é impossível definir uma fronteira nítida entre o “dito” sugerido e o puramente “mostrado” pela enunciação. O *ethos efetivo*, construído por tal ou qual destinatário, resulta da interação dessas diversas instâncias.

No âmbito específico do discurso político, essa articulação assume papel central. Eggs (2005, p. 29-30) destaca que “os temas e o estilo escolhidos devem ser apropriados ao *ethos* do orador”, o que significa reconhecer que a legitimidade do discurso decorre do papel social conferido ao orador pelo próprio auditório. Nesse processo, o sujeito constrói uma identidade discursiva que responde às expectativas do público, reforçando a constatação de Charaudeau (2008) de que o sentido veiculado pelas palavras depende, concomitantemente, do que o sujeito é e daquilo que enuncia.

Por conseguinte, evidencia-se que o *ethos* comporta simultaneamente uma dimensão projetiva, vinculada ao imaginário coletivo e à formulação de modelos ideais a partir de práticas discursivas, e uma dimensão material, ancorada na presença física do orador, que pode ou não corresponder à imagem previamente concebida pelo auditório. A coincidência entre essas duas dimensões é fundamental ao desenvolvimento do discurso político, pois favorece a legitimação das teses sustentadas diante de um público heterogêneo, atenuando resistências e objeções. Não por acaso, Charaudeau (2008, p. 118) ressalta que “a maneira de apresentar as ideias tem o poder de construir imagens”.

Nesse sentido, Mota e Braick (1998) chamam a atenção para o fato de que a elaboração da imagem de quem busca o poder exige, muitas vezes, mais do que a simples exposição da verdade, implica a mobilização do imaginário coletivo. Essa prática, desempenhada hoje pelos marqueteiros políticos e por influenciadores políticos atuantes nas redes sociais, encontra paralelo nos teóricos do Absolutismo, que, ao legitimarem o poder régio, difundiam uma imagem de autoridade e elaboravam reflexões sobre o Estado e o modelo ideal de nação.

A compreensão do *ethos*, em suas dimensões projetiva e efetiva, fornece, portanto, o fundamento necessário para analisar estratégias retórico-discursivas mais específicas, como a emulação. Ao demonstrar como a credibilidade, a autoridade e a imagem do orador são construídas e recepcionadas pelo auditório, os estudos sobre *ethos* permitem que desvelemos os mecanismos pelos quais líderes políticos se posicionam diante de modelos exemplares de poder e moldam seu próprio discurso a partir dessas referências. Nesse sentido, a emulação, para além de

um expediente de repetição ou imitação, apresenta-se como um recurso estratégico de adaptação retórica que dialoga com as expectativas do auditório, reforçando a autoridade e consolidando a persuasão no contexto político contemporâneo, conforme passamos a discutir na próxima seção.

## 2.2 Emulação e *ethos* : a construção estratégica da imagem pública

Em *Arte Retórica*, Aristóteles concebe a emulação como um sentimento moralmente louvável, que surge da percepção de que outros indivíduos, iguais a nós por natureza, possuem bens honoríficos ou vantagens que também nos são acessíveis, embora ainda não os detenhamos. Diferentemente da inveja, que se caracteriza pelo desejo de privar os outros de tais bens e é própria das pessoas vis, a emulação impulsiona o sujeito a tornar-se digno de obtê-los, constituindo, por conseguinte, um sentimento decente e compatível com a virtude.

O filósofo esclarece que a emulação se manifesta particularmente entre aqueles que se consideram capazes de alcançar os bens em questão, pois ninguém ambiciona aquilo que julga inatingível. Trata-se, assim, de um sentimento predominante entre os jovens, os de ânimo nobre e aqueles que já dispõem de bens análogos, tais como riqueza, amizades, posições de prestígio ou magistraturas, cuja posse é reconhecida como condizente com pessoas de mérito. Além disso, a emulação manifesta-se em relação àqueles considerados dignos por outros ou cujos antecedentes familiares e sociais conferem legitimidade à ambição de honrarias, estabelecendo, desse modo, um vínculo entre mérito percebido e motivação para rivalizar.

Quanto aos objetos que despertam a emulação, Aristóteles amplia o conceito para além dos bens honoríficos, incluindo as virtudes e todas as qualidades que possibilitariam ao indivíduo contribuir para a realização do bem comum. A distinção e o reconhecimento social conferidos aos benfeitores e às pessoas virtuosas provocam o mesmo sentimento, assim como o gozo de outros bens desejáveis, a exemplo de riqueza, beleza e saúde, exercem um efeito análogo.

Finalmente, o filósofo identifica quem suscita a emulação: aqueles que possuem os bens ou virtudes indicados, como coragem, sabedoria ou autoridade, bem como aqueles que acumulam admiradores, influenciam positivamente a vida de outros ou são alvo de elogios e reconhecimento público. Por oposição, indivíduos que carecem de tais qualidades ou cujas vantagens derivam apenas da sorte sem virtude não

provocam emulação, sendo, muitas vezes, alvo de desprezo. Desse modo, a emulação, para Aristóteles, constitui um mecanismo de aspiração moral e social, capaz de inspirar a excelência pessoal e regular as paixões humanas em direção ao bem.

Todavia, considerando o contexto histórico no qual Aristóteles teorizou sobre o conceito de emulação, atualmente, entendemos ser necessário procedermos a alguma atualizações para que, mantendo a essência de sua definição clássica, possa ser incorporado sem maiores sobressaltos à análise do discurso bolsonarista. Feitas essas considerações, entendemos que a emulação no contexto atual, ainda se trata de um expediente caracterizado pela percepção de que “outros indivíduos, iguais a nós por natureza, possuem bens honoríficos ou vantagens que também nos são acessíveis, embora ainda não os detenhamos.”, no entanto, o propósito de emular dadas virtudes a fim de realizar o bem comum, aqui ganha contornos bem específicos, em que o indivíduo emulador busca fidelizar o endogrupo com base na reprodução discursiva e atitudinal de um paradigma de sucesso e competência política legitimada por indivíduos sobre os quais visa exercer (ou continuar exercendo) domínio. Nesse sentido, quando transportada para os estudos discursivos, a emulação assume relevância na constituição do *ethos* pois o orador não apenas declara, mas encena modos de presença. Nesse quadro, a emulação pode ser lida como estratégia discursiva de adesão e legitimação, assim, ao se aproximar de um modelo prestigioso, o orador não apenas imita (*imitatio*), mas busca superar (*aemulatio*) tal modelo, convertendo prestígio alheio em capital simbólico próprio (Lausberg, 1993). Trata-se, portanto, de um mecanismo de comparação ascendente que funciona como operador retórico central na construção do *ethos* político.

Sendo assim, líderes, a exemplo de Jair Bolsonaro, utilizam a emulação para projetar um *ethos* que encontre correspondência nas expectativas e valores do auditório, estabelecendo uma identidade discursiva promotora da persuasão e da legitimação de seu poder. Dessa forma, ao adotar características discursivas de líderes bem-sucedidos, como Donald Trump, Bolsonaro busca, além de, evidente, imitá-las, adaptá-las ao cenário nacional, selecionando e transformando elementos discursivos da retórica trumpista, como estilo, dispositivos argumentativos, estratégias de comunicação e performance pública, para reforçar sua autoridade e estabelecer identificação junto a seus apoiadores, sobretudo no contexto de pandemia de covid-19 (o recorte que selecionamos para realizar nossas análises).

### 2.2.1 Emulação como dispositivo analítico

A emulação em sua dimensão retórico-discursiva atua como um mecanismo de recontextualização que articula repetição e diferença, isto é, a reprodução de formas discursivas reconhecíveis associada à produção de novos efeitos de sentido em contextos específicos. Aristóteles, ao definir o *zêlos* na *Retórica* (II, 1388a), já sugeria que a emulação é movida pelo desejo de rivalizar e superar, não apenas de copiar. Essa concepção encontra eco nas análises contemporâneas sobre circulação discursiva, como observa Charaudeau (2011), o discurso político se sustenta na reinscrição de formas previamente estabilizadas, que adquirem eficácia justamente por sua capacidade de serem reconhecidas e ressignificadas.

Com base nessa tradição, propomos a seguinte tipologia de categorias de emulação retórica, concebidas como dimensões analíticas capazes de evidenciar os modos pelos quais Bolsonaro reconfigura repertórios discursivos já testados por Trump:

1. **Emulação lexical:** caracteriza-se pela repetição de expressões e fórmulas verbais emblemáticas, como os termos *fake news* ou *gripezinha*, cuja circulação transnacional confere a ambos os líderes uma comunidade simbólica de linguagem. Nesse sentido, Fairclough (2003) assinala que a repetição lexical não é mero eco, mas um processo de interdiscursividade que consolida posições ideológicas.
2. **Emulação temática:** consiste na apropriação de esquemas interpretativos (*frames*) que orientam a percepção dos acontecimentos. A promoção da cloroquina, a minimização da pandemia ou a construção de antagonistas midiáticos exemplificam essa dimensão. De acordo com Wodak (2015), o populismo contemporâneo se ancora em *frames* facilmente reconhecíveis, reiterados em contextos distintos a fim de produzir estabilidade cognitiva no eleitorado.
3. **Emulação performativa:** refere-se à incorporação de gestos comunicativos e posturas enunciativas, como o ataque reiterado à imprensa, o tom de confronto em coletivas ou a encenação de espontaneidade em transmissões ao vivo. Tais elementos atualizam a performatividade como parte constitutiva do *ethos* político, em

consonância com a perspectiva de Butler (1997), segundo a qual a repetição performativa gera efeitos de naturalização.

4. **Emulação identitária:** designa a apropriação de narrativas de pertencimento e de oposição binária/maniqueísta: povo *versus* elite, nação *versus* globalismo. Esses deslocamentos configuram, na acepção de Laclau (2009), a produção de cadeias de equivalências que alimentam a lógica populista, conferindo unidade simbólica a coletividades heterogêneas.
5. **Emulação simbólica:** envolve a replicação de signos visuais e gestos icônicos, como o uso reiterado da bandeira nacional, do verde-amarelo ou de gestos manuais (o sinal de arma, por exemplo), que dialogam com a estética performativa de Trump e seu uso do boné MAGA, mais recentemente. Trata-se de uma dimensão que, segundo Maingueneau (2008), amplia a cena enunciativa para além da palavra, engajando elementos icônicos à constituição do *ethos*.

A sistematização das categorias de emulação evidencia que o *ethos* bolsonarista não se construiu em isolamento, mas em diálogo estreito com repertórios previamente elaborados no trumpismo. As dimensões lexical, temática, performativa, identitária e simbólica demonstram que a emulação não se limita a uma repetição servil de fórmulas, ao contrário, constitui um processo criativo de recontextualização, no qual a retórica importada é remodelada às condições locais e às expectativas do público brasileiro. Nesse movimento, a figura de Bolsonaro, ao reproduzir traços discursivos de Trump, reinscreve-os em um novo espaço de significação, reforçando identidades coletivas, antagonismos políticos e uma estética populista de direita. Assim, a emulação opera como um dispositivo estruturante, capaz de conferir coesão simbólica ao projeto político bolsonarista e de consolidar sua inserção em uma rede transnacional de discursos que, embora situados em contextos distintos, partilham estratégias retóricas convergentes.

### 2.3 Da narrativa à estratégia: quando populismo, *ethos* político e emulação passam a constituir o mesmo enredo

Ferreira (2001), ao elucidar a gênese do populismo na sociedade brasileira, enfatiza que 1945 foi um ano-chave para as primeiras formulações sobre o populismo,

sobretudo em função do contexto de democratização iniciado naquele período. O autor destaca, ainda, que as ideias a partir das quais se fundaram as primeiras noções acerca do populismo não contavam com rigor acadêmico, mas tinham como objetivo forjar imagens politicamente desmerecedoras dos adversários. Isso se deveu às

[...] elites liberais que perderam o poder em 1930, contrariadas com o intervencionismo estatal na economia, o cerceamento do regionalismo político, os ataques à tradição liberal individualista, a elevação dos trabalhadores à categoria de cidadãos e as arbitrariedades da ditadura do Estado Novo, mas sobretudo com o movimento “queremista”, passaram a explicar o apoio dos assalariados a Vargas, ressaltando a demagogia, a manipulação, a propaganda política, a repressão policial, entre outros fatores, sugerindo uma relação destituída de reciprocidade: o Estado, com Vargas, surgia como todo-poderoso, capaz de influenciar as mentes das pessoas; a sociedade os trabalhadores em particular, amedrontada com a polícia e confundida pela propaganda política estatal do DIP, era transformada em massa de manobra e, portanto, vitimizada. [...] O “populismo”, portanto, surgiu primeiro como uma imagem desmerecedora e negativa do adversário político, e somente depois como uma categoria explicativa de âmbito acadêmico (FERREIRA, 2001, p. 8-9).

Observamos, a partir da definição apresentada pelo autor, porque a noção de populismo, especialmente em sua acepção mais difundida no imaginário social, manteve-se ao longo da história brasileira associada a um sentido marcadamente negativo. Dessa forma, políticos classificados como populistas acabam sendo vistos como figuras demagógicas, vinculadas a discursos vazios. Conforme observa Ferreira (op. cit. p. 7), o populista é retratado como alguém que atuaria de maneira desonesta, iludindo a população, sobretudo em períodos eleitorais, “prometendo tudo e nada cumprindo”.

Sendo assim, a análise do populismo contemporâneo revela sua íntima relação com a construção do *ethos* e com estratégias de persuasão que articulam emoção, razão e autoridade do orador.

Com base nos estudos prévios sobre o fenômeno, reconhecemos, em conformidade com Cas Mudde & Cristóbal Rovira Kaltwasser (2017) e Barros & Lago (2022), que o populismo caracteriza-se pela mobilização do descontentamento popular e pela criação de uma oposição discursiva entre o “povo puro” e a “elite corrupta”. Tal dicotomia não se restringe a uma narrativa simplificada, configura, em contrapartida, uma lógica argumentativa que integra *ethos*, *pathos* e *logos* de forma estratégica, permitindo ao líder apresentar-se como porta-voz legítimo do endogrupo, enquanto deslegitima adversários. A eficácia dessa abordagem depende

do contexto, da receptividade do público e da capacidade do orador de projetar credibilidade e autoridade (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005 [1958]), o que torna o populismo um campo de estudo fecundo para compreender a relação entre política, retórica e persuasão.

Historicamente, o conceito de populismo no Brasil assume caráter polissêmico e tem sido objeto de disputas ideológicas, atravessando diferentes períodos e regimes políticos. Desde a instrumentalização pela direita reacionária, na década de 1940, passando pelo varguismo e a utilização por líderes como Adhemar de Barros, até os debates contemporâneos envolvendo figuras como Leonel Brizola, Lula e Jair Bolsonaro, observa-se que a significação do termo é moldada por contextos históricos e pela função política atribuída ao discurso (Laclau, 2009; Barros & Lago, 2022). A transformação semântica desse conceito revela como o populismo atua tanto como ferramenta de mobilização e inclusão quanto como mecanismo de exclusão e deslegitimação de adversários, podendo, assim, reforçar ou corroer instituições democráticas, dependendo do projeto político subjacente. Especialmente no contexto brasileiro Weffort (1980, p. 62), destaca que

O populismo foi, sem dúvida, manipulação de massas, mas a manipulação nunca foi absoluta. Se o fosse, estaríamos obrigados a aceitar a visão liberal elitista que, em última instância, vê no populismo uma espécie de aberração da história alimentada pela emocionalidade das massas e pela falta de princípios dos líderes. Em realidade, o populismo é algo mais complicado que a mera manipulação e sua complexidade política não faz mais que ressaltar a complexidade das condições históricas em que se forma.

Observamos, com base na orientação teórica delimitada por esse estudioso, que o populismo, como fenômeno político, é bastante complexo e divergente quanto ao papel que os líderes desempenham em relação às massas. Assim, no plano discursivo, entendemos que a emulação de modelos internacionalmente reconhecidos constitui um recurso central para o populismo de direita no Brasil. Jair Bolsonaro, por exemplo, durante sua passagem pela presidência da república, reproduzia frequentemente padrões de comunicação e estilos argumentativos associados a figuras como a de Donald Trump, utilizando simplificação de mensagens, slogans polarizadores e ataques a adversários para consolidar seu *ethos* perante o endogrupo.

Essa estratégia transcende a mera imitação: envolve adaptação e transformação de elementos retóricos, de modo que o orador possa se alinhar às

expectativas e valores do grupo que representa, enquanto reforça sua autoridade e legitimidade (Inglehart, 1997; Barros & Lago, 2022). Assim, a emulação funciona como um recurso argumentativo estratégico capaz de articular o *ethos* do líder aos pilares centrais do populismo brasileiro contemporâneo.

A especificidade do populismo de direita no Brasil, sobretudo em sua convergência com o neoconservadorismo, do qual Bolsonaro é um expoente, evidencia a instrumentalização do medo, do ressentimento e de valores morais tradicionais para sustentar a polarização social. Tal alinhamento promove uma narrativa em que o endogrupo é idealizado e os opositores são desumanizados, sendo apresentados como ameaças aos valores e à ordem estabelecida (Pinheiro-Machado & Freixo, 2019). Nesse contexto, a argumentação populista não apenas persuade, mas constrói uma identidade coletiva e legitima ações políticas que diuturnamente desafiam normas e instituições democráticas, evidenciando o papel central do discurso na consolidação do poder.

Em suma, compreender a relação entre populismo e argumentação exige considerar tanto a história semântica do termo quanto as estratégias discursivas contemporâneas, nas quais a emulação e a construção do *ethos* desempenham funções decisivas. Essa perspectiva possibilita-nos analisar como líderes populistas articulam legitimidade, mobilização e persuasão, convertendo deliberadamente o descontentamento social em apoio político e consolidando narrativas de exclusão, autoridade e identidade coletiva, sobretudo em momentos de crise sanitária.

### 3 O “Trump do Trópicos”: o *ethos* emulado de Jair Bolsonaro

A gestão da pandemia de covid-19 tornou-se um capítulo definitivo para os governos de Jair Bolsonaro, no Brasil, e Donald Trump, nos Estados Unidos. Suas posturas, marcadas pela negação da gravidade da doença, pela promoção de tratamentos sem eficácia comprovada e pelo ataque sistemático a especialistas e à mídia, foram notavelmente semelhantes. Esse alinhamento não foi coincidência, mas um exemplo claro de emulação: Bolsonaro identificou em Trump um modelo de sucesso para dar curso a uma política populista de confronto e visibilidade.

Desse modo, a análise do *corpus* concentra-se em evidências que articulam como mecanismos retóricos específicos: i) a recategorização de proposições técnicas em sinais identitários; ii) a construção de inimigos e desacreditação de especialistas,

e iii) a exploração das *affordances* performativas do Twitter/X, as quais convergem para a produção de um *ethos* populista e antielitista. A seguir, examinamos exemplos representativos desses mecanismos (um excerto de tweet/uma declaração pública de cada líder), a fim de demonstrar além de convergências temáticas, sobretudo diferenças táticas na recontextualização local dos repertórios trumpistas pelo bolsonarismo.

### 3.1 A cloroquina como símbolo de alinhamento ideológico

A defesa da cloroquina (ou hidroxicloroquina) foi um dos pilares mais visíveis da sintonia entre Bolsonaro e Trump. Ambos os líderes promoveram o medicamento como um tratamento milagroso para a covid-19, apesar da evidente falta de comprovação científica de sua eficácia, conforme podemos observar na Figura 1.

Figura 1 - Tweet de Donald Trump em defesa do uso de Cloroquina<sup>2</sup>



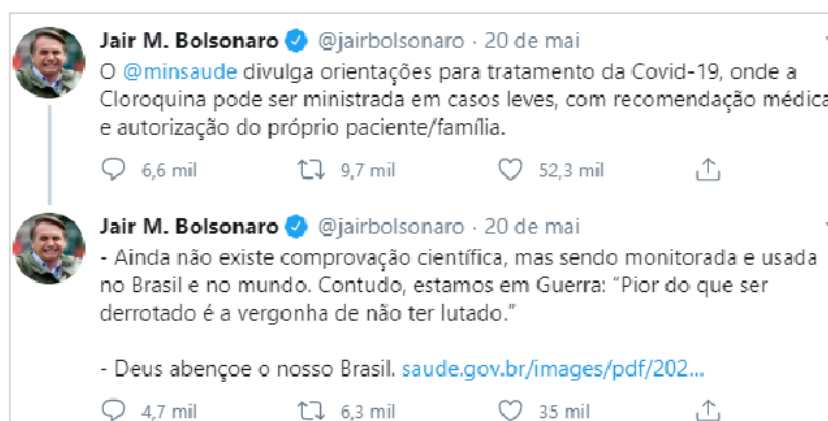
Fonte: <https://x.com/realDonaldTrump/status/1241367239900778501>. Acesso em: 01 set. 2025.

A postura de Donald Trump em relação à cloroquina configurou-se como um exemplo paradigmático da articulação entre discurso político e produção de crença social em contextos de crise. Seu entusiasmo precoce foi explicitado em 21 de março de 2020, quando afirmou que a combinação entre hidroxicloroquina e azitromicina representava uma “chance real de promover uma das maiores viradas de jogo da história da medicina”. Em 28 de julho, reforçou essa convicção por meio de uma performance discursiva que mobilizava tanto *ethos* quanto *pathos*, ao afirmar

<sup>2</sup> Tradução nossa: HIDROXICLOROQUINA e AZITROMICINA, tomados em conjunto, têm uma chance real de ser um dos maiores divisores de águas na história da medicina. A FDA moveu montanhas - Obrigado! Espero que AMBOS consigam (H funciona melhor com A, International Journal of Antimicrobial Agents).

publicamente: “Acontece que acredito nisso. Como sabem, tomei durante um período de 14 dias. E aqui estou. Acredito que funciona nas fases prévias [da doença]”. Entretanto, quando diagnosticado com covid, em 2 de outubro, Trump não recorreu ao fármaco que defendera com veemência, optando pelo tratamento com um coquetel experimental produzido pela Regeneron Pharmaceuticals. Esse deslocamento entre discurso e prática pode ser interpretado como expressão de um duplo regime discursivo: de um lado, a enunciação voltada à constituição de uma verdade política performativa; de outro, a adoção de uma terapêutica alinhada ao saber biomédico institucionalizado, revelando a tensão entre governamentalidade discursiva e racionalidade científica.

Figura 2 - Tweet de Jair Bolsonaro em defesa do uso de Cloroquina



Fonte: <https://twitter.com/jairbolsonaro>. Acesso em: 14 mai. 2020.<sup>3</sup>

No caso de Jair Bolsonaro, a defesa da cloroquina assumiu contornos ainda mais contundentes, marcada por um uso estratégico da polarização ideológica. A declaração de 19 de maio de 2020, segundo a qual “quem é de direita toma cloroquina, quem é de esquerda, Tubaina”, exemplifica o recurso a um esquema discursivo típico do populismo contemporâneo, no qual, conforme Laclau (2009), o antagonismo entre “povo” e “outros” funciona como princípio organizador da retórica. Diferentemente de Trump, Bolsonaro buscou corroborar

<sup>3</sup> Em função de políticas de combate à desinformação, colocadas em vigor durante o período de pandemia de covid-19, as publicações de Jair Bolsonaro passaram a ser marcadas com o seguinte aviso aos usuários: “Este Tweet violou as Regras do Twitter sobre a publicação de informações enganosas e potencialmente prejudiciais relacionadas à covid-19. No entanto, o Twitter determinou que pode ser do interesse público que esse Tweet continue acessível. Saiba mais”. Atualmente, por meio da ferramenta de busca interna da plataforma, não é mais possível recuperar as publicações de Bolsonaro que tratam do uso de cloroquina e de outros medicamentos sem eficácia científica comprovada ao combate ao coronavírus. Sendo assim, a Figura 2 foi recuperada de outro trabalho produzido por nós.

performaticamente sua crença, inicialmente, pela publicação de de 19 de maio (Figura 2), na qual, contrariando todos os prognósticos médicos e em um claro movimento negacionista, afirma a eficácia do uso de cloroquina, mesmo sem comprovação científica. Essa postura volta a ser reiterada, quando, em 7 de julho, Bolsonaro publicou na mesma rede mensagem informando que tratava a própria infecção por covid-19 com hidroxicloroquina.

Ademais, minimizou a gravidade da pandemia alegando que sua repercussão teria sido “superdimensionada” pela mídia. Tal posicionamento pode ser lido como uma estratégia de deslegitimação de mediadores discursivos tradicionais, configurando uma operação típica da retórica populista, que se ancora na criação de inimigos simbólicos e na desconfiança em relação às instituições intermediárias, em especial a imprensa. Assim, o discurso de Bolsonaro reforçou uma crença política sobre a eficácia do medicamento e, simultaneamente, funcionou como dispositivo de reconfiguração das fronteiras simbólicas do debate público em torno da pandemia.

Nesse cenário, a promoção da hidroxicloroquina opera como um índice metonímico: o fármaco não se reduz à sua função terapêutica declarada, mas torna-se marcador de pertença política, sinal de adesão a um repertório de valores que se contrapõem ao *establishment* científico e midiático. A partir da observação das publicações dos dois perfis, verifica-se que a cloroquina cumpre, simultaneamente, três funções discursivas fundamentais. Em primeiro lugar, funciona como sinal de diferenciação ideológica: a defesa do medicamento articula-se a uma narrativa “antiexpert” que confere ao orador autoridade alternativa (autoridade moral ou do senso comum) frente ao saber científico institucionalizado. Em segundo lugar, desempenha papel performativo: a enunciação pública sobre o uso ou a recomendação do medicamento constrói a identidade do orador perante seus seguidores, produzindo efeitos de verossimilhança e confiança internalizados no seio do endogrupo. Em terceiro lugar, torna-se instrumento de polarização simbólica, capaz de cristalizar fronteiras de inclusão/exclusão entre apoiadores e adversários.

No plano comparativo, a análise evidencia diferenças relevantes. Em Donald Trump, a enunciação sobre a cloroquina adota a forma de proclamação performativa, caracterizada por grande confiança assertiva e por apelos à promessa de descoberta rápida, contudo, quando confrontado com sua própria condição de paciente, observa-se um desvio entre o que foi proferido e a prática adotada. Essa disjunção suscita dilemas interpretativos acerca da credibilidade pragmática: a retórica inicial

funciona eficientemente como produção de crença pública, mesmo que a prática subsequente revele adesão a métodos terapêuticos distintos. Em Jair Bolsonaro, por sua vez, a defesa do medicamento assume tonalidade mais ritualizada e consistente: a articulação entre enunciação e prática tende a ser mais coesa, o que reforça a percepção de autenticidade diante de sua base de apoio.

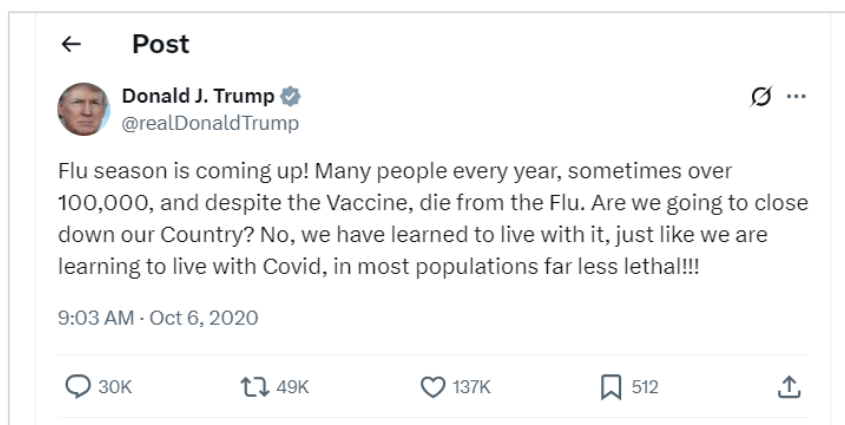
Esse contraste permite-nos desenvolver uma leitura mais refinada e contemporânea sobre a natureza da emulação: ela não implica mera cópia mecânica, mas adaptação estratégica. Bolsonaro seleciona e recontextualiza os enunciados de Trump, deslocando-os para um repertório simbólico nacionalmente reconhecível e incorporando elementos de familiaridade cultural que potencializam a recepção local. Como corolário, a cloroquina transcende o estatuto de medicamento e converte-se em nó semiótico que aglutina autoridade, resistência e pertença identitária.

Conforme argumenta Amossy (2008), o *ethos* constitui-se sempre em relação a um auditório que o valida ou o rejeita, funcionando como elemento persuasivo fundamental. Nesse sentido, a apropriação da cloroquina, tanto por Trump quanto por Bolsonaro, só pode ser compreendida como construção de *ethos* político que se ancora em uma comunidade interpretativa específica. Em diálogo com Charaudeau (2008), compreende-se que esse *ethos* performativo se articula a uma encenação discursiva na qual a credibilidade não é necessariamente derivada da verdade factual, mas da eficácia comunicativa do gesto enunciativo.

### 3.2 A negação da pandemia: uma estratégia compartilhada

A promoção da cloroquina constituiu apenas uma faceta de um posicionamento negacionista mais amplo, que caracterizou ambos os governos. A negação da pandemia de covid-19 foi uma característica marcante e alinhada dos discursos dos presidentes Jair Bolsonaro e Donald Trump ao longo de 2020. Ambos os líderes negaram a gravidade da doença e minimizaram as medidas de proteção, influenciando a forma como seus respectivos países enfrentaram a crise sanitária.

Donald Trump inicialmente afirmou que a propagação do coronavírus estava “totalmente sob controle” nos EUA. Ele chegou a declarar que, “como um milagre, [o coronavírus] vai desaparecer” e que a doença era “como uma gripe”, como apresentado na Figura 3.

Figura 3 - Tweet de Trump comparando mortes por gripe e por covid-19<sup>4</sup>

Fonte: <https://x.com/realDonaldTrump/status/1241367239900778501>. Acesso em: 01 set. 2025.

Em setembro, Trump afirmou em seu perfil que o vírus “não afeta praticamente ninguém”, a não ser “os idosos com doenças cardíacas e outros problemas”.

Jair Bolsonaro também comparou a covid-19 a uma “gripezinha, ou resfriadinho”, alegando em entrevista coletiva de 20 de março de 2020<sup>5</sup> que, “No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico, daquela conhecida televisão”. Além disso, declarou que a pandemia não seria tão grave no Brasil, dizendo que o brasileiro “não pega nada” e que o vírus “parece estar a começar a ir embora”. Bolsonaro também afirmou que a pandemia de coronavírus era “mais fantasia” e “não é isso tudo que a grande mídia propaga”, comparando-a a outras gripes que, em sua visão, mataram mais. Ele descreveu a situação como “grave, é preocupante, mas não chega ao campo da histeria e da comoção social”.

Outra frente de atuação que aproxima Bolsonaro do comportamento de Trump, em relação à pandemia de covid-19, refere-se à descredibilização de medidas preventivas e autoridades de saúde. Donald Trump minimizou o uso de máscaras de proteção, dizendo que não usaria uma. Ele sugeriu que injeções de desinfetante poderiam servir de tratamento para a covid-19, uma recomendação contrária às

<sup>4</sup> Tradução nossa: A temporada de gripe está chegando! Muitas pessoas morrem de gripe todos os anos, às vezes mais de 100.000, apesar da vacina. Vamos fechar o país? Não, aprendemos a conviver com ela, assim como estamos aprendendo a conviver com a covid, que é muito menos letal na maioria das populações!!!

<sup>5</sup> Disponível em: <https://youtu.be/gE4L6CUewvg?si=upPRLpJJbH94XCBD>. Acesso em: 03 set. 2025.

apresentadas pela OMS (Organização Mundial de Saúde). Trump também culpou a China pela disseminação do “vírus chinês”, vangloriando-se por ter agido, segundo ele, rapidamente para salvar vidas, conforme ilustrado na Figura 4.

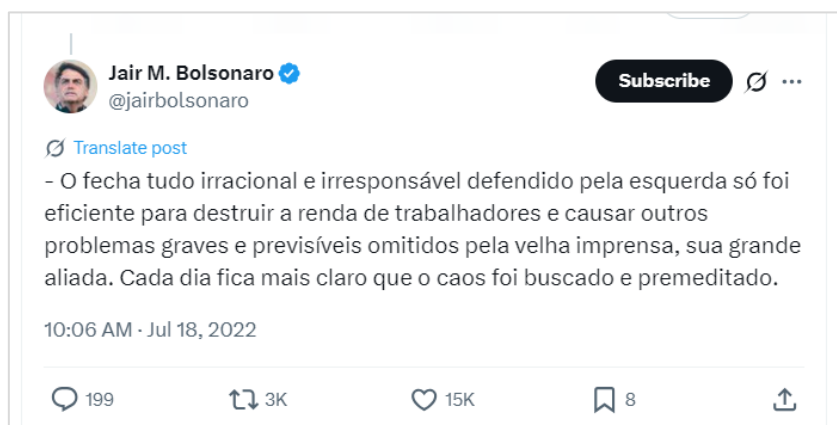
Figura 4 - Tweet de Trump sobre o fechamento de fronteiras com a China<sup>6</sup>



Fonte: <https://x.com/realDonaldTrump/status/1240243188708839424>. Acesso em: 01 set. 2025.

Como exemplificado na Figura 5, Bolsonaro seguiu à risca o caminho trilhado por Trump, combatendo *lockdowns*, incentivando aglomerações e desqualificando constantemente governadores, prefeitos e instituições de saúde que implementavam medidas restritivas.

Figura 5 - Tweet de Bolsonaro criticando a prática de lockdown



Fonte: <https://x.com/jairbolsonaro/status/154901772021190657>. Acesso em: 01 set. 2025.

<sup>6</sup> Tradução nossa: Sempre levei o vírus chinês muito a sério e fiz um ótimo trabalho desde o início, incluindo minha decisão precoce de fechar as “fronteiras” com a China – contra a vontade de quase todos. Muitas vidas foram salvas. A nova narrativa das Fake News é vergonhosa e falsa!

O comportamento de Jair Bolsonaro pode ser compreendido como uma emulação do de Donald Trump, especialmente porque sempre demonstrou publicamente sua admiração pelo presidente estadunidense. Sendo assim, as análises indicam que Bolsonaro emulou Trump em vários aspectos, especialmente na abordagem em relação à pandemia de covid-19, a qual foi notavelmente semelhante à de Trump, com um posicionamento negacionista inicial, comparando a doença a uma “gripezinha”, e a promoção de ficções sanitárias, como o tratamento precoce com hidroxicloroquina.

A minimização da gravidade da covid-19 configura um traço retórico convergente entre os dois perfis analisados, porém, ao ser escrutinada com maior detalhamento, revela variações formais e funcionais dignas de nota. No conjunto das postagens, a estratégia negacionista articula-se por meio de três movimentos retóricos recorrentes: i) relativização quantitativa (comparação com outras doenças, subestimação de índices de mortalidade); ii) deslegitimação dos meios de prova e dos agentes especialistas (reprovação da mídia, críticas a autoridades sanitárias e científicas); iii) recategorização semântica (uso de eufemismos como “gripezinha” ou “resfriadinho” que desarticulam o estatuto de risco). Esses movimentos não são neutros: operam como *topoi* que orientam inferências plausíveis no horizonte cognitivo dos seguidores, reduzindo a dissonância entre o conhecimento científico e as práticas cotidianas incentivadas pelo líder.

Analiticamente, convém ressaltar a complementaridade entre forma e circulação discursiva: a brevidade do Twitter/X favorece a circulação de enunciados de alto impacto, frases sintéticas, slogans e ataques fulminantes, cuja replicabilidade pela mídia tradicional e por redes de apoio amplia exponencialmente sua capacidade persuasiva. Assim, a plataforma não se limita a mero veículo para a divulgação de mensagens políticas, converte-se em ambiente performativo que modela a arquitetura retórica da emulação. Nesse sentido, a escolha de termos simplificadores e de expressões coloquiais não reduz a sofisticação estratégica do ato comunicativo, antes, revela a intenção deliberada de produzir efeitos de adesão imediata, mobilizando emoções e identidades coletivas.

Do ponto de vista da construção do *ethos*, a negação da pandemia atua, simultaneamente, como mecanismo de fortalecimento e de vulnerabilização. Para o núcleo duro de seguidores, o gesto de minimizar riscos realça traços de coragem, proximidade e resistência frente a instituições percebidas como opressoras; para o

público mais amplo, no entanto, pode corroer a credibilidade técnica do orador e suscitar acusações de negligência ou irresponsabilidade (como, de fato, aconteceu por parte de opositores políticos de ambos). A avaliação desses efeitos exige, portanto, uma análise que considere a heterogeneidade das audiências e a multiplicidade de circuitos de circulação das mensagens.

Como destaca van Dijk (2008), o discurso populista organiza-se pela construção de inimigos simbólicos e pela manipulação de estratégias de polarização cognitiva, de modo que a negação da pandemia extrapola a fronteira de mera opinião e desponta como dispositivo estruturado de reforço identitário. Nesse ponto, a convergência entre Trump e Bolsonaro é reveladora de como o populismo de direita mobiliza categorias discursivas comuns, embora adaptadas a contextos socioculturais distintos.

### 3.3 Tipologia da emulação aplicada aos tuítes analisados

A partir do corpus selecionado, aplicamos a tipologia de emulação apresentada na seção 3.2.1, de modo a evidenciar como Jair Bolsonaro reconfigura repertórios discursivos previamente mobilizados por Donald Trump. Nessa leitura transversal, os tuítes são considerados práticas discursivas articuladas em cinco dimensões analíticas.

No plano lexical, observa-se a recorrência de expressões e fórmulas emblemáticas. Trump consagrou termos como “*fake News*” e “*Chinese virus*”, vinculando-os a inimigos internos e externos, respectivamente. Bolsonaro, por sua vez, não replica literalmente esses vocábulos, mas adota gesto lexical equivalente ao atacar a “velha imprensa” e a “esquerda”, reinscrevendo no contexto brasileiro o mesmo processo de rotulação negativa.

Na dimensão temática, a convergência é ainda mais direta: ambos promovem a cloroquina/hidroxiclороquina como solução para combater a covid-19 e minimizam a gravidade da pandemia. Trump apresenta a combinação de hidroxiclороquina e azitromicina como “*game changer*”, enquanto Bolsonaro legitima o uso da cloroquina mesmo “sem comprovação científica”, associando-o a uma narrativa de guerra (Figura 2). Ademais, em sintonia, ambos comparam a doença a uma gripe, naturalizando os riscos decorrentes dela. Como assinala Wodak (2015), a repetição de *frames* reconhecíveis, aqui, a medicalização simplificadora e a banalização da pandemia, produz um efeito de estabilidade cognitiva junto ao eleitorado.

Por sua vez, a emulação performativa manifesta-se no modo de enunciação. Enquanto Trump dramatiza a ameaça externa ao reiterar a expressão “*Chinese virus*” e encena gratidão institucional à FDA (*Food and Drug Administration*), Bolsonaro encerra seus enunciados com invocações religiosas (“Deus abençoe o nosso Brasil”) e utiliza metáforas bélicas (“estamos em Guerra”), encenando proximidade e coragem. Destacamos que esse expediente de repetição performativa suscita efeitos de naturalização que funcionam como atos de presença simbólica responsáveis pela consolidação de um *ethos* combativo.

Quanto à emulação identitária, verifica-se, conforme já apontamos, a construção de antagonismos binários/maniqueístas. Trump identifica como inimigos simbólicos a China e a imprensa, enquanto Bolsonaro projeta a polarização contra a esquerda e a velha mídia. Ambos mobilizam narrativas de povo *versus* elite, articulando repertórios discursivos que unem coletividades heterogêneas em torno de uma oposição maniqueísta.

Por fim, mesmo em enunciados desprovidos de ícones visuais, a emulação simbólica emerge em signos verbais. A insistência de Trump no termo “*Chinese virus*” reforça fronteiras simbólicas de identidade nacional, ao passo que Bolsonaro, ao invocar Deus e a nação, associa sua liderança a tradicionais valores morais e religiosos, incorporando a seu discurso signos icônicos e culturais que reforçam a identidade coletiva.

A aplicação da tipologia previamente apresentada demonstra que a emulação bolsonarista concretiza-se em múltiplos níveis. Ao emular Trump, Bolsonaro adapta e reconfigura repertórios discursivos ao contexto nacional, convertendo prestígio externo em capital simbólico doméstico. Essa estratégia confirma que a emulação não se restringe a uma imitação servil, mas constitui um processo criativo de recontextualização que confere densidade retórica à construção do *ethos* populista de direita.

Com base nas análises precedentes, apresentamos a seguir o Quadro 2 que sintetiza as principais estratégias discursivas de Donald Trump e Jair Bolsonaro durante a pandemia de covid-19, articulando-as às categorias de emulação apresentadas na seção 3.2.1. Nosso objetivo é evidenciar como, em diferentes dimensões, lexical, temática, performativa, identitária e simbólica, Bolsonaro adapta repertórios discursivos previamente mobilizados por Trump, convertendo-os em

capital político e simbólico no contexto brasileiro. Essa sistematização destaca convergências e divergências entre os dois líderes e nos permite compreender a emulação como um processo criativo de recontextualização que atua como estratégia estruturante na constituição do *ethos* populista.

Quadro 2 - Estratégias discursivas e tipos de emulação em Trump e Bolsonaro

Dimensão Analítica	Donald Trump	Jair Bolsonaro	Observações Comparativas	Tipos de Emulação
Promoção da cloroquina	<p>Defendeu publicamente o uso da hidroxicloroquina como “chance real de virar a história da medicina”. Explorou <i>pathos</i> e <i>ethos</i> durante a performance discursiva.</p> <p>Na prática, optou por tratamento experimental distinto ao ser diagnosticado com covid-19.</p>	<p>Defendeu a hidroxicloroquina de forma ideologicamente polarizada.</p> <p>Incorporou o uso pessoal do medicamento como ato performativo, reforçando autenticidade e coesão entre palavra e prática.</p> <p>Minimização sistemática da gravidade da pandemia.</p>	<p>Ambos utilizam a cloroquina como marcador simbólico de autoridade alternativa.</p> <p>Trump demonstra disjunção entre enunciação e prática; Bolsonaro apresenta maior consistência performativa.</p> <p>Bolsonaro adapta o gesto discursivo a repertório cultural e político local, tornando o medicamento um símbolo de identidade política.</p>	<p>Temática: medicalização simplificadora e Performativa: uso pessoal do fármaco como ato de presença.</p>
Negação da pandemia	<p>Inicialmente afirmou que a covid-19 estava “sob controle” e comparou-a a uma gripe.</p> <p>Minimizou medidas preventivas, questionou especialistas e culpou a China.</p> <p>Estratégia discursiva articulada em relativização quantitativa, deslegitimação de agentes e recategorização semântica.</p>	<p>Comparou a covid-19 a “gripezinha” ou “resfriadinho”.</p> <p>Criticou lockdowns, incentivou aglomerações e desqualificou autoridades de saúde locais.</p> <p>Reforço do antagonismo “povo x instituições” como eixo de polarização populista.</p>	<p>Ambos adotam postura negacionista, utilizando eufemismos e relativizações.</p> <p>Estratégias similares adaptadas a contextos nacionais: Trump enfatiza promessa de controle e desempenho internacional.</p> <p>Bolsonaro enfatiza polarização política interna.</p> <p>Em ambos os casos, negação atua como mecanismo de reforço identitário e mobilização do núcleo duro de seguidores.</p>	<p>Temática: banalização da pandemia; Lexical: uso de eufemismos e Identitária: polarização povo X instituições.</p>

Funções discursivas do ethos	<p>Construção de credibilidade baseada em desempenho performativo e promessas de descoberta rápida de tratamento para a nova doença.</p> <p><i>Ethos</i> pragmático, dependente da recepção do público e de efeitos de crença coletiva.</p>	<p><i>Ethos</i> ritualizado e coerente entre enunciação e prática.</p> <p>Construção de autoridade moral e senso comum frente a saber científico.</p> <p><i>Ethos</i> reforçado pela polarização ideológica e pelo protagonismo pessoal.</p>	<p>Ambos instrumentalizam o <i>ethos</i> como dispositivo de persuasão, mas Bolsonaro apropria-se de modo mais consistente e integrado do contexto político e cultural brasileiro.</p> <p>Trump apresenta <i>ethos</i> mais dependente do espetáculo midiático e da retórica de inovação.</p>	<p>Performativa: tom assertivo e ritualizado e Identitária: aproximação com o “povo”.</p>
Estratégia de polarização	<p>Produção de antagonismos discursivos: “China” e “mídia” como inimigos simbólicos.</p> <p>Apelos a seguidores por meio de relativização de riscos e desconfiança institucional.</p>	<p>Polarização explícita: direita X esquerda, povo X elite, adeptos X críticos.</p> <p>Reconfiguração das fronteiras simbólicas da esfera pública brasileira.</p>	<p>Ambos empregam polarização como eixo central de mobilização política.</p> <p>Bolsonaro traduz e localiza a polarização de Trump, reforçando identidade partidária e cultural específica.</p>	<p>Identitária: oposição binária e Lexical: rótulos depreciativos.</p>
Dimensão Analítica	Donald Trump	Jair Bolsonaro	Observações Comparativas	Tipos de Emulação
Adoção de práticas em rede social (Twitter/X)	<p>Tweets curtos, impactantes, propagação de slogans e apelos performativos.</p> <p>Amplificação midiática pelo compartilhamento e pela cobertura da imprensa.</p>	<p>Tweets com tom coloquial e direto, exploração de eufemismos, polarização discursiva.</p> <p>Uso estratégico da plataforma para performatividade e mobilização do endogrupo.</p>	<p>Plataforma funciona como ambiente performativo em ambos os casos.</p> <p>Estratégia convergente de maximização do impacto discursivo e emocional. Adaptação cultural e linguística no caso brasileiro.</p>	<p>Performativa: concisão e repetição e Simbólica: invocação de Deus e da nação.</p>
Emulação do outro líder	<p>Paradigma de retórica populista e negacionista.</p> <p>Exemplos de uso performativo de medicamentos e minimização da pandemia.</p>	<p>Bolsonaro seleciona e adapta elementos do modelo Trump: cloroquina, negação da pandemia, ataques a especialistas e mídia, polarização ideológica.</p> <p>Integra repertório simbólico brasileiro, aumentando adesão local.</p>	<p>Emulação não é mera cópia, mas recontextualização estratégica.</p> <p>Evidencia como líderes populistas constroem <i>ethos</i> performativo baseado em figuras internacionais, ajustando à audiência local.</p>	<p>Simbólica: tradução cultural e religiosa, articulada às demais dimensões.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Em cada eixo analítico, identifica-se, além da proximidade temática e estilística entre os dois líderes, a reconfiguração de elementos do modelo trumpista realizada pelo projeto de Bolsonaro, que os adapta ao contexto político e cultural brasileiro.

Na promoção da cloroquina, por exemplo, o movimento trumpista de exaltação do medicamento como “divisor de águas” é recontextualizado por Bolsonaro como chave de polarização interna, transformando o fármaco em marcador ideológico. Nesse contexto, a emulação é simultaneamente temática, ao retomar o enquadramento biomédico simplificador, e performativa, ao encenar publicamente a adesão pessoal ao tratamento.

No caso da negação da pandemia, a convergência se expressa na minimização dos riscos e no uso de eufemismos, o que configura, simultaneamente, emulação **temática** (banalização da covid-19), **lexical** (repetição de expressões como “gripezinha”) e **identitária** (articulação de povo versus instituições).

A análise das funções discursivas do *ethos* evidencia outra dimensão da emulação. Enquanto Trump mobiliza um *ethos* performativo ancorado no espetáculo midiático e na promessa de inovação, Bolsonaro reconfigura esse gesto em um *ethos* ritualizado e moralizado, coerente entre discurso e prática. A emulação, nesse caso, é sobretudo **performativa** e **identitária**, pois encena autenticidade e reforça a proximidade com o “povo”.

A polarização constitui um eixo transversal em que ambos se aproximam, ainda que com adaptações contextuais. Trump constrói inimigos externos (China, mídia), enquanto Bolsonaro internaliza a oposição (direita versus esquerda, povo versus elite). A emulação, portanto, manifesta-se em perspectiva identitária, reforçada por recursos lexicais que rotulam negativamente os adversários.

Por fim, o uso do Twitter/X revela a emulação **performativa** (estilo sintético e repetitivo) e simbólica, já que Bolsonaro adiciona invocações religiosas e nacionalistas ao modelo comunicativo de Trump.

O quadro e sua análise demonstram que Bolsonaro não imita mecanicamente Trump, mas o emula de modo estratégico, selecionando dimensões lexicais, temáticas, performativas, identitárias e simbólicas para potencializar sua própria retórica. Assim, a emulação atua como dispositivo central na constituição do *ethos* populista de direita, representado no contexto brasileiro por Jair Bolsonaro, funcionando, a um só tempo, como ponte de legitimação transnacional e instrumento de mobilização doméstica.

## Considerações finais

A construção do *ethos* de Jair Bolsonaro durante a pandemia de covid-19 deve ser compreendida, simultaneamente, como um fenômeno nacional e como parte de uma rede transnacional de discursos populistas, marcada pela circulação de estratégias e narrativas compartilhadas. Desse modo, os resultados deste trabalho confirmam a hipótese teórica delineada na introdução: a emulação de repertórios discursivos de Donald Trump por Jair Bolsonaro constituiu um processo de reconfiguração estratégica que desempenhou papel central na constituição do *ethos* bolsonarista durante a pandemia de covid-19. A análise empírica do *corpus* evidenciou que os enunciados de ambos os líderes convergem em torno de três núcleos temáticos centrais: a promoção da cloroquina, a minimização da gravidade da doença e a responsabilização de inimigos externos e da imprensa.

A partir da tipologia de emulação proposta, foi possível demonstrar que Bolsonaro mobilizou diferentes dimensões de emulação (lexical, temática, performativa, identitária e simbólica) para adaptar repertórios trumpistas às condições políticas e culturais brasileiras. Essa adaptação produziu efeitos retóricos de autenticidade (ao reforçar coerência entre discurso e prática), de combatividade (ao encenar antagonismos contra instituições, especialistas e adversários políticos) e de polarização (ao traduzir o conflito em chave nacionalista e religiosa). Em termos práticos, a emulação permitiu a Bolsonaro converter o prestígio de um modelo internacionalmente visível em capital simbólico doméstico, reforçando sua posição como “voz do povo” diante do *establishment*.

As respostas às perguntas de pesquisa tornam-se, assim, claras:

1. Bolsonaro recontextualizou repertórios de Trump ao transformá-los em símbolos de pertencimento local, como no caso da cloroquina e das invocações religiosas.
2. As estratégias de emulação identificadas incluem desde o empréstimo lexical (*fake news* versus “velha imprensa”), até a performatividade ritual (tom belicoso, metáforas de guerra, invocação de Deus e da nação) e a reconfiguração de *frames* de minimização da pandemia.
3. Tais práticas de emulação foram decisivas para a constituição do *ethos* bolsonarista, no período analisado, ao projetarem uma liderança autêntica, combativa e antagonista, em sintonia com expectativas de sua base eleitoral.

Embora o recorte empírico tenha se limitado a um *corpus* reduzido, a análise evidenciou tendências de circulação transnacional de repertórios populistas de direita, os quais, ao serem reinscritos no contexto brasileiro, adquiriram novas funções persuasivas. Essa constatação reforça a relevância de compreender a emulação como dispositivo analítico central para os estudos sobre populismo e retórica política, sobretudo em pesquisas futuras.

### Fontes

Página do Twitter/X de Jair Bolsonaro: <https://x.com/jairbolsonaro>. Acesso em: 03 set. 2025.

Página do Twitter/X de Donald Trump: <https://x.com/realDonaldTrump>. Acesso em: 03 set. 2025.

UOL. **UOL mostra que Bolsonaro já chamou covid de gripezinha**. Disponível em: <https://youtu.be/gE4L6CUewvg?si=upPRLpJJBh94XCBD>. Acesso em: 03 set. 2025.

### Referências

ARISTÓTELES. **Arte Retórica e Arte Poética**. Trad. Antonio Pinto de Carvalho. 17. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005 [386 a. C.].

AMOSSY, R. O *ethos* na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. AMOSSY, R. (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005.

BARROS, T. Z.; LAGO, M. **Do que falamos quando falamos de populismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BUTLER, J. **Excitable speech: a politics of the performative**. Nova Iorque, Routledge, 1997.

CHARAUDEAU, P. **Discurso político**. Trad. Dílson Ferreira da Cruz e Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2008.

COLES, W. *The right people for the job? Projections of ethos in British and Norwegian political rhetoric*. **Global Discourse: An Interdisciplinary Journal of Current Affairs and Applied Contemporary Thought**, v. 15, n. 5, p. 1-19, 2025. Disponível em: <https://bristoluniversitypressdigital.com/view/journals/gd/15/2-3/article-p198.xml>. Acesso em: 02 set. 2025.

EGGS, E. *Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna*. AMOSSY, R. (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. London: Routledge, 2003.

- FERREIRA, J. **O populismo e sua história**: debate e crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- INGLEHART, R. **Modernization and postmodernization**: cultural, economic, and political change in 43 societies. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1997.
- LACLAU, E. **La razón populista**. Trad. Soledad Laclau. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009.
- LAUSBERG, H. **Elementos de retórica literária**. Trad. M. N. Rosado Fernandes. Lisboa; [München]: Gulbenkian; [Hueber], 1993 [1949].
- MAINGUENEAU, D. A propósito do *ethos*. Trad. Luciana Salgado. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (org.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008.
- MEYER, M. **A retórica**. São Paulo: Ática, 2007.
- MOTA, M. ; BRAICK, P. **História das cavernas ao terceiro milênio**. São Paulo: Moderna, 1998.
- MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (org.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008.
- MUDDE, C.; CRISTÓBAL, R. K. **Populism**: a very short introduction, very short introductions. New York, Oxford Academic, 23 fev. 2017, Disponível em: <https://academic.oup.com/book/866?login=false>. Acesso em: 03 set. 2025.
- PERELMAN, Ch.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. Tradução de M. E. Galvão. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005 [1958].
- PINHEIRO-MACHADO, R.; FREIXO, A. de. **Brasil em transe**: nova direita e desdemocratização. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019.
- REBOUL, O. **Introdução à retórica**. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- SILVA, A. M. **A imagem por trás do mito**: estratégias discursivas e construção do *ethos* no discurso político presidencial. 2010. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. doi:10.11606/D.8.2011.tde-14092011-133813. Acesso em: 03 set. 2025.
- van DIJK, T. A. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2008.
- VIEIRA, M. *Uneven and combined desires: a psychological rethinking of societal multiplicity in world politics*. **Cooperation and conflict**, p. 1-19, 2025. Disponível em: <https://www.bohrium.com/paper-details/uneven-and-combined-desires-a-psychological-rethinking-of-societal-multiplicity-in-world-politics/1102242898759385119-10450>. Acesso em: 02 set. 2025. DOI: 10.1177/00108367251316463.
- WEFFORT, F. C. **O populismo na política brasileira**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- WODAK, R. **The politics of fear**: what right-wing populist discourses mean. London: SAGE Publications Ltd., 2015.